Revista Espaço Acadêmico - Nº 136 - Setembro de 2012
Mensal - ANO XII - ISSN 1519-6186

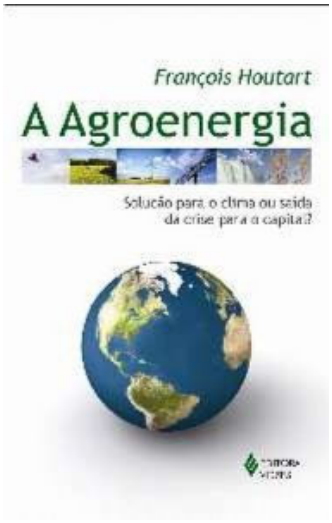
RESENHA

HOUTART, François. A agroenergia: solução para o clima ou saída da crise para o capital? Francisco Morás (trad.). Petrópolis: Vozes, 2010.

A agroenergia e a crise climática sob o olhar sociopolítico e crítico de François Houtart

NEILO MÁRCIO SILVA VAZ*

François Houtart nasceu em 7 de março de 1925 em Bruxelas. Cursou Filosofia e Teologia no Seminário de Malines (1944-1949), sendo ordenado sacerdote nessa mesma localidade em 1949. Em 1952, licenciou-se em Ciências Políticas e Sociais pela Universidade de Louvain. É urbanista pela Universidade de Bruxelas e pós-graduado em Sociologia pelas universidades de Chicago e Indiana. É doutor em Sociologia pela Universidade de Louvain. Foi professor visitante nas Universidades de Montreal (1953), Buenos Aires (1954), Tilburg (1956-1957), Birmingham (1970), Sherbrooke (1972) e de Manágua (1983-1990). É professor Emérito da Universidade Católica de Louvain e doutor *honoris causa* das universidades de Notre Dame (USA) e La Havana (Cuba). Seus trabalhos de pesquisa e consultorias centram-se na Sociologia da Religião, tendo trabalhado em países dos cinco continentes. Nos últimos anos, tem se dedicado a estudos de Sociologia Rural e mais recentemente à Sociologia da Mundialização.



Na obra *A agroenergia: solução para o clima ou saída da crise para o capital*? traduzido por Francisco Morás e publicado no Brasil em 2010, apresenta um olhar ampliado e crítico acerca da crise energética e climática, formulando questionamentos em torno das novas energias, principalmente no que tange o problema dos agrocombustíveis. Com um caráter interdisciplinar, dialoga com áreas fora do âmbito das Ciências Sociais como Bioengenharia, Ciências Agronômicas e Comunicação Social, mantendo uma centralidade analítica de cunho sociopolítico acerca da relação das novas energias e da crise climática, constituindo-se em um exercício crítico, que matiza, à luz da ciência, essa temática que suscita tão diversificadas opiniões, experiências e interpretações ao redor do mundo.

O livro está organizado em três partes, desenvolvidas ao longo de nove capítulos, nos quais aborda as dimensões econômicas, geopolíticas e ambientais envolvidas. As duas primeiras tratam do clima e das energias ditas renováveis, especialmente os

agrocombustíveis no âmbito dos países em desenvolvimento. Na terceira parte, tece uma análise acerca dos elementos sociopolíticos estruturantes dessa nova produção, culminando com a apresentação daquilo que denomina como "uma proposta de soluções radicais" (HOUTART, 2010, p. 10).

No primeiro capítulo – *energia e desenvolvimento* – é realizada uma contextualização histórica acerca da relação entre a temática da energia e do desenvolvimento do processo de reprodução do sistema capitalista. A argumentação centra-se na demonstração das evidências acerca da estreita relação entre os temas e de como historicamente as externalidades ambientais e sociais, envolvidas nos processos produtivos, são relegadas a um segundo plano. Segundo Houtart, há evidências para afirmar que "a ignorância dos fatores nacionais e sociais, como foi o caso do carvão, do petróleo ou do arroz, corre o risco de se repetir na agroenergia, caso não acionemos em tempo o sinal de alerta" (HOUTART, 2010, p. 31).

No segundo – *as crises energética e climática* – em um primeiro momento o autor discorre sobre os principais elementos que compõem a questão da crise energética, focando a discussão em torno das energias não renováveis, no caso, o petróleo, o gás, o carvão e o urânio. Num segundo momento, trata da crise climática, enfocando o papel do gás do efeito estufa, o enfraquecimento dos poços de carbono, o aumento das temperaturas, a questão dos clorofluorcarbonos, os efeitos das mudanças climáticas e o papel da Organização das Nações Unidas.

No terceiro capítulo, intitulado *o discurso neoliberal sobre as mudanças climáticas*, é realizado um desvelamento dos posicionamentos neoliberais sobre a questão da crise climática. Inicialmente o autor demonstra que apesar da notoriedade da questão, há uma tentativa de deslegitimação do viés científico e a imposição de uma visão neoliberal sobre a temática que, na visão de Houtart, relaciona-se à incorporação da questão ambiental no âmbito mercadológico, de forma que os mecanismos econômicos sejam capazes de geri-la, significando a reprodução das desigualdades norte/sul construídas historicamente. Ao final deste capítulo, o autor aponta as lacunas dessa perspectiva neoliberal, dizendo respeito: a) à pretensão de um regime de redução baseado em direitos de propriedade, em detrimento de responsabilidades; b) à orientação para eficácia e não para equidade na partilha dos encargos; c) à incapacidade em estimar os dividendos ou as penalidades em função da ação ou inação sobre as mudanças climáticas e d) à desconsideração das diferentes condições históricas dos países em desenvolvimento.

No capítulo quatro, são discutidas as principais características dos agrocarburantes e dos diversos tipos de energia, tendo-se uma diferenciação entre os agrocarburantes de primeira e segunda geração. No quinto, há a contextualização da situação do etanol nos casos dos países do norte, do Brasil e de outros países do Sul. O sexto trata da produção do agrodiesel a partir da palmeira oleaginosa, da *jatropa curcas* (oleaginosa adaptada às savanas e ecossistemas marginais dos países em desenvolvimento) e similares. Ainda neste capítulo traça um quadro sobre os programas de produção desenvolvidos contemporaneamente na Ásia e África. O sétimo capítulo trata dos efeitos colaterais dos agrocarburantes sobre as águas, os solos, o meio ambiente global, bem como os seus efeitos sociais. O

oitavo capítulo – *as dimensões socioeconômicas da agroenergia* – é destinado à análise dos principais aspectos socioeconômicos envolvidos na produção dos agrocarburantes, articulando a discussão da agroenergia com a ideia de modelo de desenvolvimento.

Na nona e última seção, é apresentado o conjunto das 'pistas de solução da crise', implicando adoção de medidas relacionadas à diminuição do consumo de energia fóssil, o uso de fontes energéticas renováveis e uso comedido dos agrocarburantes. Ao final, apresenta um conjunto de pressupostos de ordem sociológica, econômica e filosófico-política que, no seu entendimento, deverão compor uma lógica de desenvolvimento 'pós-capitalista', marcada pelo uso durável dos recursos naturais, na prioridade do valor de uso sobre o valor de troca, na generalização da democracia e na interculturalidade.

A ampla abrangência analítica e a interdisciplinariedade são marcas centrais da proposta desenvolvida pelo autor, o que confere à obra a densidade e abrangências necessárias para que se constitua em uma importante ferramenta para compreensão sociopolítica crítica da questão socioambiental contemporânea.

* **NEILO MÁRCIO SILVA VAZ** é mestrando em Ciências Sociais junto ao PPGCS/UFPEL.